

pequenas
felicidades

Danuza Leão

Domingos Pellegrini

Drauzio Varella

Edgard Telles Ribeiro

Haroldo Jacques

Ivan Angelo

João Anzanello Carrascoza

Luiz Alberto Py

Moacyr Scliar

Paulo Mendes Campos

Rachel de Queiroz

Tatiana Belinky

Toquinho

pequenas felicidades

Organização de
Carmen Lucia Campos e Nilson Joaquim da Silva



Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza
Ana Luiza Candido

Assistente de arte
Alex Yamaki
Daniel Argento

Projeto gráfico e diagramação
Olivia Pezzin e Bruno Melnic – Estúdio Mondo

Capa
Daniel Argento

Preparação
Tuca Faria

Revisão
Juliana de Araujo Rodrigues

Impressão
Ideal

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Pequenas felicidades/ Tatiana Belinky... [et al.]; [Carmen Lucia Campos, Nilson Joaquim da Silva orgs.]. – São Paulo: Panda Books, 2012. 72 pp.

ISBN: 978-85-7888-205-1

1. Conto brasileiro. I. Belinky, Tatiana, 1919-. II. Campos, Carmen Lucia.
III. Silva, Nilson Joaquim da, 1929-.

12-0224

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

2012

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./ Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*... eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura.*

Alberto Caeiro

*Felicidade é ter algo o que fazer, ter algo que amar e
algo que esperar.*

Aristóteles

Sumário

APRESENTAÇÃO 8

O TROCO 11

Tatiana Belinky

JOGO 14

Edgard Telles Ribeiro

NEGÓCIO DE MENINO COM MENINA 17

Ivan Angelo

PEQUENAS TERNURAS 22

Paulo Mendes Campos

ILUMINADOS 25

João Anzanello Carrascoza

OS NOVENTA 36

Rachel de Queiroz

A VERTIGEM 40

Drauzio Varella

É PERMITIDO SONHAR 45

Moacyr Scliar

A MORTE E A ESPIRITUALIDADE 49

Luiz Alberto Py e Haroldo Jacques

PEQUENAS FELICIDADES 53

Danuza Leão

FELICIDADE 57

Domingos Pellegrini

RECEITA DE FELICIDADE 61

Toquinho

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 63

OS AUTORES 65

OS ORGANIZADORES 70

Apresentação



Já dizia o escritor Guimarães Rosa: “felicidade se acha em horinhas de descuido”. Quem não se encanta com o sorriso de uma criança ou não se deleita com o encontro inesperado com o amigo mais querido? Como descrever a indescritível emoção do primeiro beijo – ou do segundo, ou do terceiro –, ou explicar a inexplicável sensação de encontrar seu nome na tão esperada lista de aprovados do vestibular? O gosto bom da fruta colhida do pé. O vento no rosto do passeio de bicicleta. A troca do guarda-chuva pelo banho de chuva. O caminhar despreocupado pelas ruas da cidade como se estivesse no campo ou na praia. A liberdade para buscar a felicidade no que lhe faz feliz...

Não importa qual seja nossa idade, se somos ricos ou pobres, se torcemos para esse ou aquele time. Não importa a opção sexual, o grau de instrução, as origens, a religião ou as preferências musicais, literárias, culinárias, todos desejamos ser felizes, e a verdadeira felicidade, como definiu o filósofo Rousseau, não pode ser descrita, ela é sentida. E acrescentamos: ela é plural, só tem sentido nas diferenças. Cada um busca a *sua* felicidade.

Este livro reúne histórias, vivências e reflexões de personalidades de diversas áreas de nossa cultura, como Paulo Mendes Campos e Drauzio Varella, Rachel de Queiroz e Toquinho, que fizeram das pequenas felicidades cotidianas o mote dos

escritos selecionados para esta antologia. Aliás, eles mostram que a felicidade não necessariamente é motivo de prazer, mas, sempre, é caminho para o crescimento.

Os organizadores

O TROCO

Tatiana Belinky



A inocência de uma criança pode nos surpreender e até converter nosso descrédito no ser humano em um raro momento de felicidade.

Na esquina da Sete de Abril com a Bráulio Gomes, o cafezinho era ótimo, e eu não deixava de saboreá-lo sempre que andava nas proximidades. Naquela tarde, lá estava eu, como de costume, esperando no balcão pelo meu puro sem açúcar, quando reparei no garoto parado do lado de fora. Teria uns 12 anos, e a roupa surrada, grande demais, sobrava no seu corpo magrinho. Seus olhos escuros e tristes passavam de um freguês para outro, até que se detiveram em mim. Ele aproximou-se timidamente e disse baixinho:

– A senhora podia me comprar um sanduíche?

Eu até lhe compraria o sanduíche, mas aquele lugar era um balcão de bar, não uma sanduicheria!

– Sinto muito, aqui não vendem sanduíches, menino – falei.

Mas o garoto retrucou de pronto:

– Eu sei, mas tem lá na frente! – e indicou uma lanchonete do outro lado da rua, na esquina da Marconi.

– Espere um momento – falei e abri a bolsa à procura de uns trocados para o tal sanduíche, que devia custar dois ou três cruzeiros. Só que a menor nota que encontrei na carteira era uma grandinha, de cinquenta cruzeiros; muito mais que o necessário. Mas o garoto era tão subnutrido, tinha uma carinha tão triste, que lhe estendi a nota de cinquenta, pensando: “Ele bem que precisa, isto lhe dará para muitos sanduíches, bom

proveito!”. E voltei-me para o cafezinho que acabava de chegar, já esquecida do menino que saía correndo, sem mesmo um “muito obrigado”.

O cafezinho estava bom, bem quente, e eu, degustando-o devagarinho, ainda estava no meio da xícara, quando de repente aquele menino surgiu diante de mim, com o sanduíche numa mão e algumas notas de dinheiro na outra, que ele me estendeu, muito sério:

– O seu troco, dona!

E como eu ficasse parada, sem reagir – de surpresa –, ele me-teu o dinheiro na minha mão, resoluto, e então sorriu:

– Muito obrigado!

E foi-se embora, rápido, antes que eu pudesse dizer-lhe “fique com o troco”, como era a minha vontade.

É verdade que eu podia ter ido atrás dele, podia tê-lo chamado, mas algo me disse, lá no meu íntimo, que eu não devia fazer isso. Devia mais era aceitar a dignidade com que aquela criança pobre não abusou do meu gesto, que, evidentemente, entendeu não como uma esmola, mas como uma prova de confiança na sua correção...